

# Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

*Joaquina Soares (Coord.)*

# FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

## FIDS

---

### ALCÁCER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal  
Câmara Municipal de Alcácer  
do Sal

---

---

### SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago  
do Cacém / Câmara Municipal de  
Santiago do Cacém

---

---

### ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete  
Câmara Municipal de Alcochete

---

---

### AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região  
de Setúbal / Museu de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito de Setúbal

---

---

### SEIXAL

Município do Seixal  
Ecomuseu Municipal

---

---

### ALMADA

Museu Municipal de Almada  
Câmara Municipal de Almada

---

---

### MOITA

Departamento de Acção  
Sociocultural  
Câmara Municipal da Moita

---

---

### SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra  
Câmara Municipal de Sesimbra

---

---

### BARREIRO

Serviços Culturais  
Câmara Municipal do Barreiro

---

---

### MONTIJO

Museu Municipal do Montijo  
Câmara Municipal do Montijo

---

---

### SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal  
Câmara Municipal de Setúbal

---

---

### GRÂNDOLA

Serviços Culturais  
Câmara Municipal de Grândola

---

---

### PALMELA

Museu Municipal de Palmela  
Câmara Municipal de Palmela

---

---

### SINES

Museu Municipal de Sines  
Câmara Municipal de Sines

---

# NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

**Rui Garcia**

(Presidente do Conselho Directivo da Associação  
de Municípios da Região de Setúbal)

# FICHA TÉCNICA

## Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)  
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)  
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

## Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

## Coordenação Editorial

Joaquina Soares

## Conselho Científico

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares  
Elsa Afonso  
Fátima Afonso  
Fernanda Pinho  
Fernanda do Vale  
João Ventura  
Luís Pequito  
Lurdes Lopes  
Maria Ana Judas  
Marisol Ferreira  
Michelle Santos  
Miguel Correia  
Sandra Coelho  
Susana Duarte  
Vitor Mestre

## Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004  
E-mail: [maeds@amrs.pt](mailto:maeds@amrs.pt)  
Site: [www.maeds.amrs.pt](http://www.maeds.amrs.pt)  
Blog: [www.maedseventosactividades.blogspot.com](http://www.maedseventosactividades.blogspot.com)  
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.  
Interdita a reprodução de imagens.

## Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

## Execução gráfica

Ana Castela  
Paula Covas

## Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

## Depósito Legal

450333/18

## ISSN

1645-0553

## Tiragem

300 exemplares  
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

# EDITORIAL

## ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)<sup>1</sup>.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)<sup>2</sup>

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*<sup>3</sup>, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História<sup>4</sup>; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

**Joaquina Soares**

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

---

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

# ÍNDICE

<b>Nota de Abertura</b>	<b>03</b>
Rui Garcia	
<b>Editorial</b>	<b>05</b>
Joaquina Soares	
<b>No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)</b>	<b>08</b>
Horácio Pena	
<b>Arqueologia Urbana e História Local</b>	<b>16</b>
<b>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34</b>	<b>17</b>
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
<b>Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica</b>	<b>39</b>
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
<b>Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”</b>	<b>51</b>
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
<b>Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal</b>	<b>79</b>
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
<b>Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer</b>	<b>101</b>
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

<p>O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela) João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos</p>	<p><b>115</b></p>	<p>Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855) Albérico Afonso, Carlos Mouro</p>	<p><b>199</b></p>
<p>O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho João Costa</p>	<p><b>129</b></p>	<p>Fran Paxeco em Sesimbra João Augusto Aldeia</p>	<p><b>213</b></p>
<p>Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna Maria João Pereira Coutinho</p>	<p><b>141</b></p>	<p>A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias Diogo Ferreira</p>	<p><b>219</b></p>
<p>A Roda dos Enjeitados Rogério Palma Rodrigues</p>	<p><b>151</b></p>	<p>Notas sobre a indústria de curtumes setubalense Carlos Mouro</p>	<p><b>233</b></p>
<p>Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho Fátima Ribeiro de Medeiros</p>	<p><b>163</b></p>	<p>Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais Pedro Fernandes</p>	<p><b>245</b></p>
<p>Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855 Ernesto Castro Leal</p>	<p><b>179</b></p>	<p>A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação Pedro Fernandes</p>	<p><b>253</b></p>
<p>O feriado municipal e a memória colectiva setubalense Carlos Mouro, Horácio Pena</p>	<p><b>187</b></p>	<p>Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX) António Chitas</p>	<p><b>261</b></p>
		<p>“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943 Fátima Afonso, Fernanda Ferreira</p>	<p><b>271</b></p>

# O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela)

The world in a house. Foreign products in Espaço Cidadão (Palmela)

João Nunes\*  
Eduardo Porfírio\*  
Michelle Teixeira Santos\*\*

## RESUMO

As intervenções arqueológicas realizadas, no âmbito do projecto de reabilitação do edifício Espaço Cidadão, decorreram entre 2011 e 2015, fornecendo um conjunto de informação arqueológica de grande relevância para o conhecimento da evolução histórico-arquitectónica e urbana da vila de Palmela, desde a baixa Idade Média, até ao século XX, passando com grande impacto pela Época Moderna.

Numa primeira abordagem ao vasto espólio exumado destacam-se as inúmeras importações, datadas desde a Época Moderna até ao início do século XX, como sejam as produções sevilhanas; as majólicas, com técnica de “berenttino” e as de Montelupo, do tipo “rombi a ovali”, a porcelana chinesa e um disco em madreperola (possível embutido de mobiliário).

Muitas das importações identificadas revelam-se bastante raras em Portugal, como um fragmento de corda seca, de produção sevilhana, de final do século XV ou dos inícios do século XVI e um fragmento de escudela ou de tigela, do tipo “columbia plain white and green”, também de produção sevilhana. Destaca-se ainda o fragmento de um «paliteiro» antropomórfico, com fâcies africana, exemplar ilustrativo de arte colonial.

Do início da Época Contemporânea, identificaram-se alguns fragmentos de produções inglesas como pratos “shell edge pearl ware” e “Davenport”; de importações francesas, como um frasco de perfume “Delettrez” ou uma medalha alusiva à visão de Catherine Labouré da

## ABSTRACT

The archaeological interventions carried out between 2011 and 2015, under the rehabilitation project of Espaço Cidadão building, provided a set of archaeological information, relevant for the knowledge of historical, architectural and urban evolution of Palmela village, since the late Middle Age until the 20th century, with special relevance during the Modern Age.

In a first approach to the large number of exhumed materials, the countless importations stand out, dated from the Modern Age to the beginnings of 20th century, as the Seville productions, the majolica, with the “berenttino” technique and from Montelupo, of the “oval and rombi” type, the chinese porcelain and a mother-of-pearl disc (possible inlay of furniture).

Many of the importations identified are very rare in Portugal, as the fragment of “corda seca”, of Seville production, from the late 15th or early 16th centuries and a bowl fragment of “columbia plain white and green” type, also from Seville production. The fragment of an anthropomorphic “toothpick holder”, with african facies, example of colonial art also stand out.

From the early Contemporary Era were identified some fragments of English productions as the “shell edge pearl ware” and “Davenport” plates; French importations, as the “Delettrez” perfume flask or a religious medal evoking the visions of the Holy Mary by Catherine Labouré

\* - Arqueólogos. Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural Lda. (geral@palimpsesto.pt)

\*\* - Arqueóloga. Câmara Municipal de Palmela / Museu Municipal. (mtsantos@cm-palmela.pt)



Imaculada Conceição e do Norte da Europa, um fragmento de garrafa de Genebra em grés.

A apresentação dos materiais do Espaço Cidadão inicia-se assim, com uma aproximação à conceptualização da mundividência das pessoas que ocuparam este espaço ao longo dos séculos, contada pelos objectos que elas adquiriram através de trocas comerciais ou de possíveis viagens. Testemunhos materiais de um certo cosmopolitismo que caracterizou Palmela ao longo do extenso espaço temporal abordado neste trabalho e certamente, devedor do facto de esta vila se ter constituído, entre os séculos XV e XIX, como sede definitiva da Ordem de Santiago. Esta instituição, além de ser detentora de vastos territórios no Sul de Portugal, detinha ainda o monopólio da produção de azeite e de sal. Por outro lado, não se podem deixar de lado as potencialidades geográficas e económicas deste território que o convertem num autêntico *hinterland*. De facto, não se pode esquecer que a vila de Palmela apesar de estar fortemente ancorada no mundo rural, não deixa de estar situada nas proximidades dos portos de Setúbal e Lisboa, que se revestem de alguma importância a nível internacional e a interrelacionavam directamente com os circuitos comerciais mais importantes do mundo de então.

**Palavras-chave:** Palmela; estudo de materiais; importações; Época Moderna; Época Contemporânea

## INTRODUÇÃO

Este texto surge na sequência de uma comunicação apresentada no IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Tróia, Novembro de 2016), onde se fez uma primeira resenha da evolução histórica e arquitectónica do edificado que constitui actualmente o Espaço Cidadão, a partir das intervenções arqueológicas ali realizadas entre 2011 e 2015 (Nunes, Porfírio & Santos, no prelo). Para além deste trabalho, apenas haviam sido dadas à estampa notícias preliminares relativas aos resultados das sondagens de diagnóstico, realizadas em 2011 (Santos, 2012; Santos & Nunes, 2012/2013).

As intervenções arqueológicas realizadas no imóvel que actualmente alberga o Espaço Cidadão, decorreram da sua localização no Centro Histórica de Palmela, onde ocupa uma posição relativamente central, numa área de reconhecido potencial arqueológico e histórico (Fernandes, 2004, 2012; Fernandes & Carvalho,

and from the central and north of Europe, the stoneware Genebra bottles.

The presentation of the materials of the Espaço Cidadão begins with a conceptualization of the worldview of the people that occupied this space over the centuries, told by the artifacts that they acquired by trading or possible travels. Material testimonies of a certain cosmopolitanism, that characterised Palmela throughout the extensive temporal space addressed at this work and certainly linked to this village was headquarter of the order of Santiago, between 15th and 19th centuries. This institution despite being owner of vast territories in the south of Portugal, also held a monopoly on the production of olive oil and salt. On the other hand, the geographical and economic potentialities of this territory which convert it into an authentic hinterland cannot be put aside. In fact, it cannot be forgotten that the village of Palmela despite being heavily anchored on the rural world, still remains in the vicinity of the ports of Setúbal and Lisboa, structures with international importance and interrelated directly with the world's most important trading circuits.

**Keywords:** Palmela; study of archaeological materials; imports; Early Modern Age; XIX Century

1993, 1997a, 1997b; Fernandes & Santos, 2008; Santos, 2012; Ramos & Porfírio, 2017; Rosendo *et al.*, 2010). Localiza-se num quarteirão de formato grosseiramente triangular formado pelas ruas da Ladeira, Hermenegildo Capelo e Mouzinho de Albuquerque, numa área que no século XIV ficaria na periferia do arrabalde da vila. No entanto será durante o século XVIII que o Largo do Mercado adquirirá uma configuração semelhante à que apresenta ainda na actualidade, ou seja, como espaço comercial e residencial, conforme se depreende da análise das características arquitectónicas de alguns dos imóveis sites nos arruamentos circunvizinhos (Santos & Nunes, 2012/2013). Basicamente e recorrendo-se a uma metáfora extremamente comum, podemos afirmar que o subsolo do Centro Histórico conserva um valioso arquivo material do que foi a sua história nomeadamente, daquilo que foi a vivência quotidiana

das diversas comunidades e dos vários estratos sociais que a habitaram em tempos pretéritos. Prova real deste facto constituem as estruturas e os materiais arqueológicos do período Tardo-Medieval e da Época Moderna e Contemporânea, identificados durante as escavações realizadas no sítio do Mercado Velho (Carvalho, 2005, 2005-2007). É grande a proximidade existente entre este sítio e o Espaço Cidadão, que se encontra inserido na Zona de Protecção do Mercado Velho, para além de estar abrangido pela Servidão Administrativa da Zona Especial de Protecção conjunta dos Monumentos Nacionais do Castelo, Igreja de Santiago e Pelourinho de Palmela (Portaria n.º 62/2010, publicada em DR, 2ª Série, n.º 12, de 19 de Janeiro, que revoga a Portaria n.º 944/85, de 14 de Janeiro). Tendo por base este normativo, a relevância histórico-patrimonial desta zona e as características do projecto, delineou-se uma estratégia de intervenção, alicerçada na investigação, salvaguarda, conservação, musealização e divulgação do património arqueológico e arquitectónico, desenvolvida entre os anos de 2011 e 2015. Na verdade, os trabalhos de investigação e divulgação continuam, prevendo-se ainda em 2018, no âmbito do Ano Europeu do Património Cultural, realizar um conjunto de iniciativas dedicadas à comunidade local, nomeadamente uma exposição temporária e duas conferências sobre o património arqueológico do Espaço Cidadão.

O programa de investigação histórico-arqueológica do imóvel começou em 2011 com a realização de sondagens de diagnóstico parietais (cerca de 48 m<sup>2</sup>) e no subsolo (138 m<sup>2</sup>), para avaliar o potencial arqueológico das áreas a afectar pela execução do projecto e recolher dados que permitissem um conhecimento mais aprofundado da evolução histórica e arquitectónica do edifício. Em 2013, conjugando os elementos do projecto de execução com os resultados obtidos na primeira fase dos trabalhos ampliou-se a área intervencionada no logradouro em 25,9 m<sup>2</sup>. Este trabalho foi realizado previamente ao início da empreitada, por forma a minimizar os constrangimentos durante a fase de execução, a que se seguiu a realização do acompanhamento

arqueológico, baseado num registo arqueográfico rigoroso, de todas as actividades com afectação ao nível do subsolo e do edificado. A sua execução foi fundamental para a identificação de vários elementos arquitectónicos e arqueológicos que se encontravam integrados no edificado tanto no espaço interior, como nas paredes exteriores, dando conta de um denso e intrincado processo de evolução arquitectónica, cujos elementos mais relevantes e melhor preservados acabaram por ser integrados no projecto. A integração e valorização destes elementos teve por objectivo fazer ressurgir na paisagem urbana de Palmela o edifício *Quinhentista*, representado pela visibilidade dos elementos arquitectónicos desse mesmo período. Finalmente, de referir que no decurso dos anos de 2015 e 2016 foram realizadas diversas actividades de valorização, conservação, restauro e consequente musealização do espaço, integrando também algumas peças arqueológicas numa exposição permanente patente no local, designada: «*Fecha-se uma porta, abre-se uma janela. Espaço Cidadão – evolução histórica do edificado*».

Não é objectivo deste trabalho apresentar a evolução arquitectónica e ocupacional do Espaço Cidadão, pelo que remetemos o leitor interessado para a publicação referida inicialmente (Nunes, Porfírio & Santos, no prelo). Por ora, importa reter que a história do edifício pode dividir-se em três grandes capítulos, correspondentes a outros tantos momentos construtivos, dos quais o primeiro respeita ao período Tardo-Medieval e aos inícios da Época Moderna (séculos XIII/XIV-XVI), seguindo-se uma segunda fase que corresponde à plenitude da Época Moderna (séculos XVI-XVIII) durante a qual se efectua a introdução de novos e relevantes elementos arquitectónicos e terminando, com a reformulação profunda que o edifício sofre no período posterior ao sismo de 1755 (finais do século XVIII até ao século XX).

Tendo em atenção uma história tão longa é evidente que os materiais arqueológicos agora publicados constituem uma pequena selecção efectuada, a partir de um volumoso espólio, que no total se cifrará em algumas

dezenas de milhares de fragmentos. Apesar de o estudo da totalidade dos materiais arqueológicos estar ainda em curso, verificou-se que alguns elementos se destacavam imediatamente pelo seu carácter claramente exógeno. Refira-se ainda que as peças recolhidas, de período Tardo-Medieval e de Época Moderna, apresentavam-se bastante fragmentadas, por vezes em diminutas dimensões, o que tem dificultado a sua classificação (como o possível fragmento com técnica marmorizzata EC/13.6047) e poderá traduzir as acções de destruição resultantes da contínua reformulação do espaço, bem como do terramoto de 1755.

E, entre estes, constatou-se a existência de algumas peças que, de um modo ou de outro, se revestem de alguma excepcionalidade no contexto arqueológico nacional, pelo menos ao nível das intervenções publicadas. Assim, optou-se por se iniciar a publicação sistemática do conjunto artefactual exumado no Espaço Cidadão com a apresentação destas peças. Conjunto este que se enquadra crono-culturalmente entre a Baixa Idade Média e os alvares da Época Contemporânea, revelando, um grande dinamismo sobretudo durante o período correspondente à Época Moderna. No respeitante às importações podemos dividir o conjunto estudado em dois grandes grupos cronológico-culturais, um pertencente à Época Moderna e um outro, no pleno da Época Contemporânea.

## ÉPOCA MODERNA

Genericamente, o espólio deste período é caracterizado pela cerâmica comum, cerâmica vidrada, faiança, loiça malagueira, mas também por metais e por elementos em vidro. Relativamente aos materiais importados, estes caracterizam-se por uma proveniência geográfica diversificada, que abarca desde terras mais cercanas como Sevilha, passando por Itália e pela Ásia (porcelana chinesa), apresentando ainda alguns vislumbres dos territórios africanos.

Quanto às produções sevilhanas elas estão representadas por um fragmento de corda seca de Época

Moderna, por um exemplar de “*columbia plain white and green*”, mas também por vários fragmentos de cerâmicas esmaltadas e vidrada, cuja produção pode ser atribuída àquela região do Sul Peninsular.

No primeiro caso, estamos perante um fragmento de bordo em aba (EC/13.3659), com inflexão externa, lábio boleado e arranque de parede, possivelmente de um prato ou tigela de final do século XV ou início do século XVI. Apresenta esmalte branco e concreções em ambas as superfícies, estando algo degradado no lábio e na superfície externa. Ao nível decorativo subsistem vestígios de um motivo indeterminado a azul na superfície externa e de um outro motivo indeterminado a azul, verde, com reflexos metálicos e melado acastanhado. Em torno destes motivos, na superfície interna, identificaram-se resquícios de delimitação a manganês, sobretudo no elemento melado acastanhado (Bargão, Ferreira & Silva, 2015, p. 23: fig.1; Soares, 2002). Apresenta ainda vestígios de “sulfuração, resultante de acidente de produção (Fig.1).

Destaque também para um fragmento de fundo em ônfalo com arranque de parede carenada pertencente a escudela ou tigela (EC/11.3884), em cerâmica esmaltada, que pelas suas características pode inserir-se nas produções sevilhanas do tipo “*columbia plain white and green*” (Sosa Suarez, 2016). Ambas as superfícies apresentam em igual proporção esmalte branco e verde, repartindo a peça a meio, com concreções em ambas as superfícies. O esmalte encontra-se algo degradado na superfície externa (Fig.1).

Relativamente às cerâmicas esmaltadas de produção sevilhana, da série “azul y morado” contamos com fragmento de bordo extrovertido, com lábio boleado, de prato (EC/11.271), com esmalte branco, algo degradado e intensa presença de concreções, em ambas as superfícies, banda concêntrica e linhas onduladas verticais a manganês, separadas por dupla linha concêntrica a azul, na superfície interna, junto ao lábio. Fragmento de bordo extrovertido, com lábio boleado, de prato (EC/11.4121), com esmalte branco, intensa presença de concreções, em ambas as superfícies, descasque no lábio, com dupla linha concêntrica a azul e motivo indeterminado a manganês, na superfície interna, junto ao lábio. Fragmento de bordo extrovertido, com lábio boleado, de prato ou taça (EC.11.4118), com esmalte branco, intensa presença de concreções, em ambas as superfícies, descasque no lábio, com dupla linha concêntrica a azul e motivo indeterminado a manganês, na superfície interna, junto ao lábio. Fragmento de bordo extrovertido, lábio boleado, de possível taça ou tigela (EC/11.5943), com esmalte esbranquiçado, intensa presença de concreções em ambas as superfícies e descasque no bordo, com banda concêntrica a manganês na superfície externa, junto ao bordo e dupla linha concêntrica a manganês, na superfície interna, também junto ao bordo. Fragmento de bordo extrovertido, com lábio boleado, de prato ou tigela (EC/11.3870), com esmalte branco, intensa

**CORDA SECA**



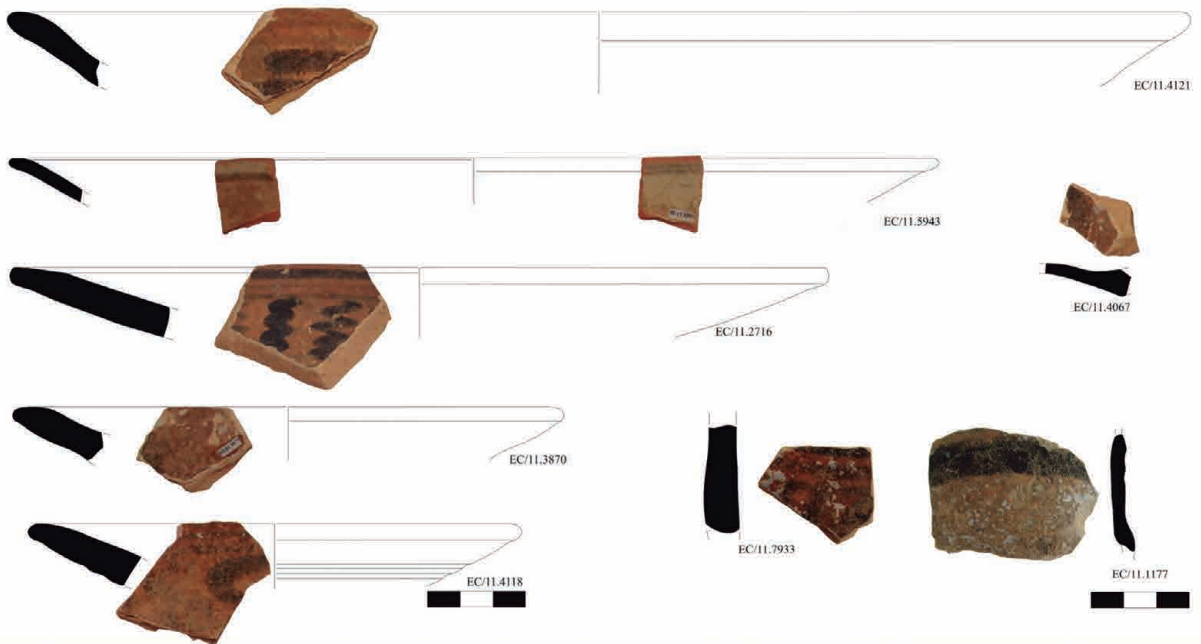
EC/11.3689

**COLUMBIA PLAIN WHITE AND GREEN**



EC/11.3884

**CERÂMICA ESMALTADA SEVILHANA, SÉRIE AZUL Y MORADO**



EC/11.4121

EC/11.3943

EC/11.2716

EC/11.3870

EC/11.4118

EC/11.7933

EC/11.4067

EC/11.1177

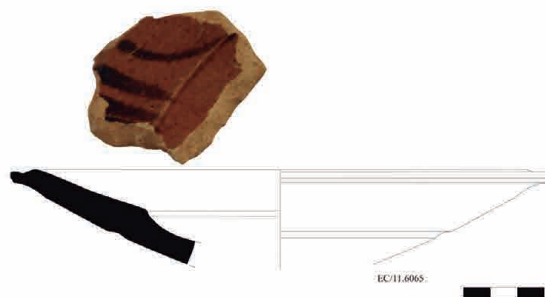
**LOIÇA MALAGUEIRA**



EC/11.3868

EC/11.5899

**VIDRADO MELADO E MANGANÊS**



EC/11.6065

presença de concreções, em ambas as superfícies, descaque no lábio, com possível linha concêntrica a azul (?) e motivo indeterminado a manganês, na superfície interna, junto ao lábio. Um fragmento de parede com espessamento, indicando, muito possivelmente, um arranque de fundo ou carena (EC/11.4067), esmaltado a branco, com intensa presença de concreções, em ambas as superfícies, decorado por linhas e bandas concêntricas a azul e manganês, apenas na superfície interna. Fragmento de parede (EC/11.7933), com motivos geométricos a manganês, na superfície interna e concreções em ambas superfícies. (Sousa, 2011; Duarte & Tavares da Silva, 2014) (Fig.1).

Devemos mencionar ainda os fragmentos de cerâmica vidrada melada com manganês, muitos destes de produção sevilhana (?), como o fragmento de bordo de prato (EC/11.6065), com vidrado melado em ambas as superfícies, com quatro traços verticais a manganês, enquadrados por dois sulcos (Carvalho, 2005, p.V.13) (Fig.1).

Muito embora a maioria da loiça malagueira identificada no Espaço Cidadão não constitua *per se* uma importação, uma vez que após as primeiras importações da região de Málaga e Talavera, rapidamente começaram a ser produzidos pelos oleiros portugueses, designados como os “malagueiros de louça branca”, no *Livro dos Regimentos da Cidade de Lisboa*, de 1572. Contudo algumas peças sugerem uma filiação com o Sul Peninsular, com sejam o fragmento de fundo em *ônfolo*, com arranque de caldeira (EC/11.5899), esmalte branco, com aspecto mate, na superfície interna e vidrado amarelado, na superfície externa, com acidente de produção “enrolamento” no fundo e concreções, em ambas as superfícies, sobretudo na superfície interna e o fragmento de fundo de pé em anel e parede carenada, de possível tigela (EC/11.3868), com esmalte branco e intensa presença de concreções, em ambas as superfícies (Fig. 1).

Prosseguindo a nossa viagem pelas importações identificadas nas intervenções arqueológicas efectuadas no Espaço do Cidadão, é chegada a vez de aportar à Península Itálica. Desta geografia provém um conjunto importante de fragmentos de cerâmica majólica, com a técnica *Berettino*, ostentando a tradicional pintura azul sobre esmalte azul. De referir, no entanto que começa a serem levantadas a hipótese de algumas destas peças ser produzida em contexto ibérico, contudo optámos por considerar como sendo de produção original e não subsequentes imitações, por não termos ainda outras análises que sustentem essa origem. A elevada fragmentação do conjunto dificulta a descrição dos elementos decorativos em pormenor e a sua classificação tipológica.

Assim, contamos com vários fragmentos de parede pertencentes a recipientes de forma aberta, como por exemplo os fragmentos EC/11.3963 e EC/11.5997, com motivos indeterminados pintados a azul sobre esmalte azul, em ambas as superfícies ou apenas decorados na superfície interna com motivos indeterminados a azul sobre esmalte azul, como sejam os fragmentos EC/11.3959, EC/11.7915 e o fragmento EC/11.5994, que se encontra algo degradado na superfície interna e totalmente destacado na face externa em resultado de um provável acidente de produção. Como exemplo de um meio-termo entre os fragmentos de parede e aqueles que possibilitaram uma classificação formal, contamos com um fragmento da ligação entre o bordo e a parede (EC/11.5995), de pintura azul sobre esmalte azul, que exhibe na superfície interna uma decoração constituída por uma dupla linha concêntrica entre motivos indeterminados, a azul, e na superfície externa apresenta um motivo indeterminado na mesma cor. Algumas peças possibilitaram uma classificação formal mais apurada como por exemplo, o fragmento de bordo extrovertido e lábio boleado, de possível prato ou tigela (EC/11.4051), decorado com uma linha concêntrica, a azul, na superfície interna, junto ao lábio ou o fragmento de bordo em aba, com inflexão externa, lábio boleado, também de um prato ou tigela (EC/11.5938), decorado com motivo indeterminado, a azul, sobre esmalte azul, de excelente qualidade, na superfície interna da aba. Surgem ainda, dois fragmentos de fundo de pé em anel, de um possível prato ou tigela. O fragmento EC/11.5993 ostenta uma banda concêntrica e um motivo vegetalista, pintado a azul, sobre esmalte azul, na superfície interna. Esta peça apresenta o esmalte da superfície externa picado em resultado de um acidente de produção e concreções na superfície interna. O outro fragmento de fundo de pé em anel, pertencente possivelmente a um prato ou a uma tigela (EC/11.5900) é decorado com dupla linha concêntrica pintada a azul, sobre esmalte azul, na superfície interna. Apresenta o esmalte da área do pé algo degradado. Por fim, podemos referir dois fragmentos que colam pertencentes a um bordo extrovertido, de lábio boleado de tigela (EC/11.5998), de pintura azul sobre esmalte azul. A decoração desta peça apresenta, na face interna, um motivo vegetalista localizado entre duas duplas bandas concêntricas, a azul e na superfície externa linhas de tendência oblíqua que se entrecruzam formando um motivo de tipo xadrez, a azul, situadas junto ao lábio. (Beltrán e Miró, 2010) (Fig. 2).

As majólicas de *Montelupo*, do tipo “*ovali e rombi*” parecem representadas pelo fragmento de bordo em aba, com ligeiro espessamento junto a lábio boleado, com arranque de caldeira, de prato (EC/13.4414.), com esmalte branco rosado, algo degradado, na superfície externa, esmalte branco com linhas concêntricas a enquadrar losango inserido em medalhão oval a amarelo e azul, na superfície interna da aba e motivo indeterminado a amarelo e azul, na superfície interna da caldeira (Carta, 2003, p. 137, fig.18) e pelo fragmento de parede (EC/11.1508), com esmalte

branco em ambas as superfícies e motivo indeterminado a azul e amarelo, na superfície interna (Fig. 2).

Destaque para possível produção de Pisa e Val d'Arno, com técnica *marmorizzata*, enquadrável nos séculos XVI-XVII, correspondendo a um fragmento de parede de alguidar ou grande tigela (EC/11.1387), com vidrado cinza com marmoreado em tons azuis, roxos, verdes e rosados, na superfície interna e vestígios de vidrado, muito degradado na superfície externa (Beltrán e Miró, 2010) (Fig. 2).

A porcelana chinesa encontra-se representada por fragmento de fundo de prato (EC/11.559).

Esmalte de tonalidade branca azulada e no fundo da face interna está representado um motivo vegetalista indeterminado, cercado por duas linhas concêntricas. Esta peça encontra paralelo num fragmento de prato do Convento de São Francisco de Lisboa, datado do reinado de Jiajing (1521-67), 11.º imperador da dinastia Ming (Torres, 2011, p. 412, 418 e 433: CSF/LX.93/133). Foram ainda recolhidos fragmento de caldeira de prato ou tigela (EC/11.1625), com motivo geométrico e indeterminado a azul, na superfície interna e cordão composto por possível motivo vegetalista estilizado a azul, na superfície externa e fragmento mesial de fundo (EC/11.3881), esmalte branco em ambas as superfícies, motivo indeterminado a azul, na superfície interna (Fig. 3).

Também de procedência asiática e chegando provavelmente através da mesma rota, temos de referir um disco de madreperola (EC/11.1041), muito possivelmente um aplique decorativo, pois no anverso apresenta uma pequena depressão e pequeno furo resultante do desgaste associado à sua possível fixação. Este fragmento poderá estar associado às peças de embutidos, como contadores, cofres, caixas e tabuleiros de jogo. Na exposição “A Cidade Global. Lisboa no Renascimento”, o tabuleiro de xadrez e gamão, com nº de catálogo 199, de produção de Índia, Guzarate, do séc. XVI-XVII, apresenta quando fechado, círculos em madreperola, bastantes similares ao recolhido no Espaço Cidadão (Gschwend, 2017, p. 159) (Fig. 3).

Voltando à “loiça malagueira”, devemos salientar que a tipologia dos recipientes que a seguir se apresentam, os especieiros, remetem indubitavelmente para o comércio transatlântico destas substâncias raras e valiosas do Oriente, que ao longo da Época Moderna conhecem uma maior divulgação e disseminação entre as populações europeias.

A peça mais representativa deste conjunto corresponde ao perfil completo de um especieiro (EC/11.615), esmaltado a branco na face interior, com superfície externa em biscoito, sem aplicação de revestimento, bordo direito, com espessamento exterior e lábio de secção triangular. Ao longo da peça são claramente visíveis alguns pontos negros que correspondem a acidentes de produção (Canotilho, 2003, p. 58). Um outro exemplar também bastante completo é composto por quatro fragmentos que colam e um fragmento que, apesar de não colar, deverá pertencer à mesma peça (EC/11.5985), com bordo introvertido de lábio afilado, corpo troncocónico e fundo plano, sendo que o esmalte aplicado no interior é de coloração branca, com destacamentos, pontos negros, rachas e descasque no lábio e na superfície externa apresenta resíduos de esmalte branco em resultado de escorrimentos e pingos ocorridos durante o processo de fabrico. Para além dos recipientes já referidos, foi também recolhido um perfil completo de especieiro ou molheira (EC.11.4006), tratando-se de uma pequena peça trilobada, com bordo extrovertido, corpo troncocónico e fundo côncavo, apresenta esmalte branco em ambas as superfícies. Refira-se ainda o fragmento de fundo côncavo e arranque de parede, pertencente possivelmente a um especieiro ou covilhete (EC/11.1873). O esmalte branco, algo degradado, na superfície interna e parcialmente na superfície externa, a base permanece em chacota, com engobe de tonalidade bege (Fig. 3) (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, p. 357, fig. 25).

Evocando as terras africanas e os seus habitantes, surge-nos uma das peças mais curiosas do Espaço Cidadão, o fragmento de cabeça feminina, de fâcies africana, parte de um possível paliteiro (EC/11.3149).

A parietal esquerda apresenta sete perfurações pouco profundas, que não chegam a perfurar transversalmente a peça. A peça exhibe a representação do cabelo encrespado, no topo da face até às orelhas. No anverso, na zona dos furos, evidencia um ligeiro espessamento com uma execução relativamente expedita e pouco aprimorada, podendo representar o restante cabelo. Apresenta igualmente lábios espessos e nariz largo, traduzindo os estereótipos africanos. Na lateral direita, a orelha está perfeitamente representada, exibindo um lóbulo alongado, que poderá traduzir a utilização de um expansor. As superfícies de toda a peça foram alisadas (Fig. 3).

Finalmente, não podemos concluir as referências sobre as importações de Época Moderna do Espaço Cidadão, sem deixar de referir um outro elemento, que muito embora não sendo *per si* necessariamente importado, não

## MAJÓLICA MONTELUPO DO TIPO "OVALI E ROMBI"



EC/11.1508



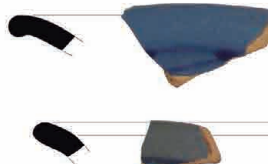
EC/13.4414



## MAJÓLICA BERETTINO



EC/11.5998



EC/11.5938



EC/11.4051



EC/11.5995



EC/11.5993



EC/11.5997



EC/11.3963



EC/11.5994



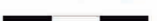
EC/11.3959



EC/11.7915



EC/11.5900



## MARMORIZZATA



EC/11.1387



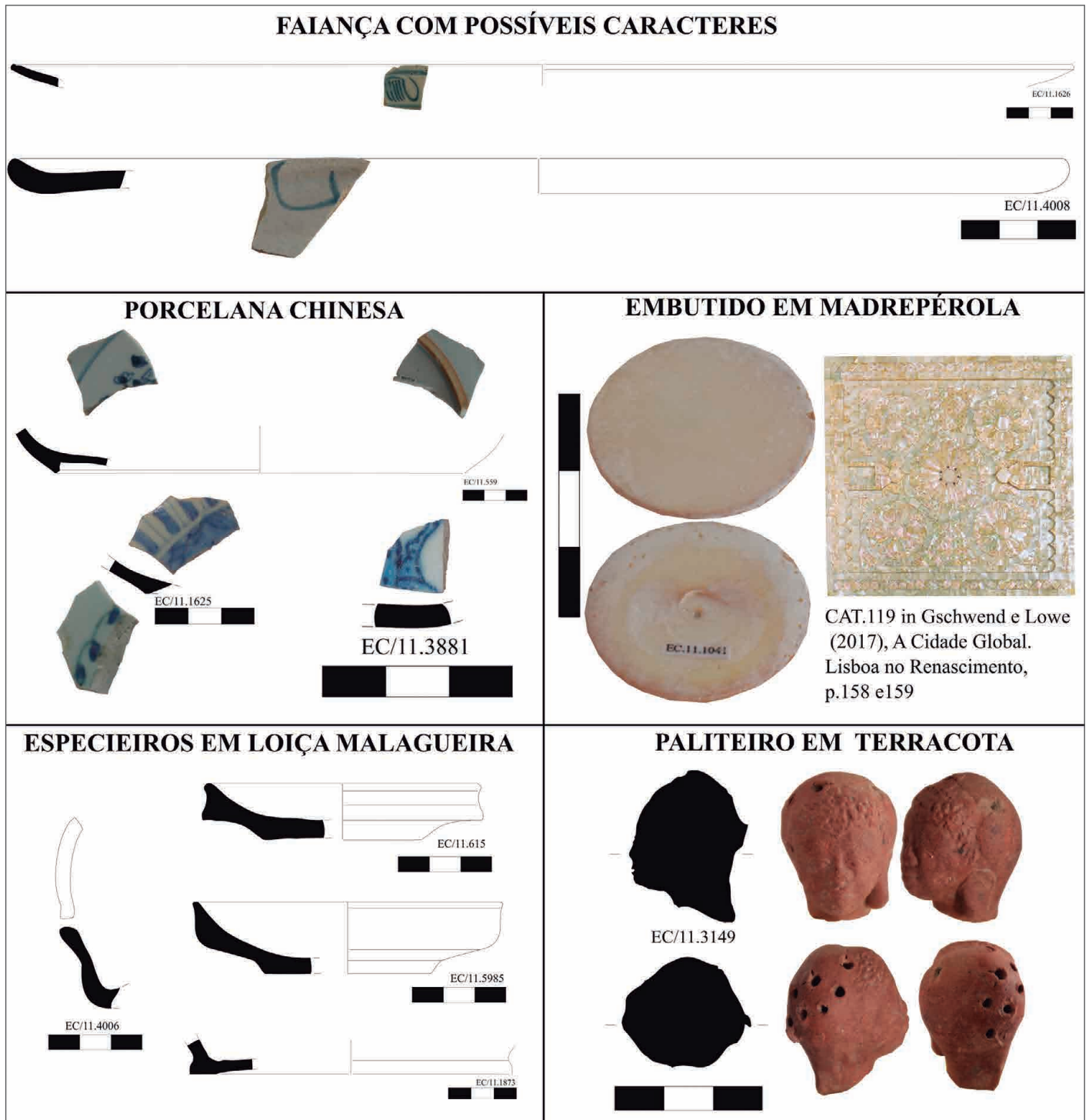


Fig. 3 – Elementos de produção ou inspiração africana ou oriental de Época Moderna.

deixa de evocar outras mundividências e outras geografias. Referimo-nos aos fragmentos de faiança, decorados muito possivelmente com caracteres que parecem sugerir reminiscências do alfabeto hebraico.

A peça EC/11.4008 corresponde a um fragmento de bordo introvertido, lábio boleado, com ressalto na superfície externa, de prato, com esmalte branco em ambas as

superfícies, com possível motivo epigráfico (?) a azul, na superfície interna, junto ao lábio. São visíveis acidentes de produção «pontos negros» em ambas as superfícies e com “esmalte picado” no lábio. A peça EC/11.1626 corresponde igualmente a um fragmento de bordo introvertido, lábio boleado, com ressalto na superfície externa, de prato, com esmalte branco em ambas as superfícies e possível motivo epigráfico (?) a azul, na superfície interna, junto ao lábio.

Fig. 2 – Produções italianas dos séculos XVI-XVII.



A ser assim, estas evidências vem somar-se aos indícios que sugerem a relação deste edifício de planta de formato trapezoidal e sinuoso, com vãos assimétricos, pelo menos em determinado momento, com a comunidade dos cristãos-novos, entre os quais se destacam um motivo cruciforme insculturado na rocha junto a um arco também ele escavado no substrato, um «armário de parede», um pequeno nicho com vestígios de combustão no fundo e grafitos a carvão na parede de fundo e, por fim, uma área reservada, acessível somente através do interior do edifício, onde se identificou um complexo sistema de condução e armazenamento de água limpa associado a um pequeno tanque, área onde foram recolhidos ambos os fragmentos que agora se apresentam. É possível, que alguns dos elementos arquitectónicos identificados, estejam relacionados com a presença da comunidade judaica ou mourisca de Palmela e respectivas práticas religiosas. O Foral dos Mouros Forros é o primeiro documento, que logo no século XII, determina os direitos e deveres das comunidades muçulmana, cristã e judaica em Palmela. Na documentação associada aos processos da inquirição de indivíduos com ligação a Palmela, parece constatar-se a existência, durante a Época Moderna, de uma comunidade judaica ainda com alguma escala, situação que levou mesmo alguns investigadores a sugerir a existência de uma comuna (Costa, 2016; Martins, 2017; Patriarca, 2002).

### ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Na fase pós-terramoto a estrutura arquitectónica do edifício sofre uma reformulação aprofundada, afectando de forma determinante todos os contextos arqueológicos pré-existentes. Esta situação parece sugerir a existência de uma certa capacidade económica por parte do(s) seu(s) proprietário(s), o que ao nível do espólio arqueológico se traduz na presença de importações de origem inglesa, francesa e de outra proveniente da Europa Central ou do Norte.

De proveniência inglesa contamos com 19 fragmentos que colam, formando o perfil completo de prato (EC/11.1149), com bordo em aba, ligeiramente introvertida, lábio boleado, caldeira baixa e ligeiro falso pé em anel, em cerâmica “pó de pedra”. A peça encontra-se marcada na superfície externa com a legenda DAVENPORT impressa em arco, sobre uma representação parcial de âncora (está apenas figurado um motivo cruciforme, estando ausente a parte inferior), de cada lado da âncora estão representados números ilegíveis (assemelham-se apenas a dois pequenos círculos), sendo a marca encabeçada possivelmente pelo nº 4 (?), correspondendo à série do prato. O prato apresenta esmalte branco, com efeito craquelê, resultante de acidente de produção, contendo também vestígios de contacto com um elemento metálico em ferro, em ambas as superfícies e fracturas, facto que nos induz para um episódio pós-deposicional (Fig. 4).

Também de produção inglesa são os pratos da série designada como “Shell Edge Pearl Ware”, dos quais possuímos dois exemplares incompletos. O primeiro é composto por seis fragmentos que não colam entre si, de bordo em aba, com ligeira inflexão externa e lábio com recorte ondulado e arranque de caldeira, de prato (EC/11.2118), com esmalte branco com presença de craquelê em ambas as superfícies, com decoração moldada estriada e pintura a azul, na superfície interna junto ao lábio. O segundo conjunto é constituído por quatro fragmentos que não colam entre si, de bordo em aba, lábio com recorte ondulado e arranque de caldeira de prato (EC/11.2124), com esmalte de tonalidade branca, com textura mate, com vestígios de craquelê e concreções em ambas as superfícies, apresenta decoração moldada estriada e pintura a azul, na superfície interna junto ao lábio (Fig. 4).

Do Centro e Norte da Europa chegou até Palmela fragmentos de garrafas em grés (botijas de genebra), de que subsistiu um fragmento de gargalo, de bordo vertical, com espessamento externo secção quadrangular, lábio plano e arranque de colo troncocónico, com vidrado melado em ambas as superfícies (EC/11.1101). Foram ainda recolhidos dois fragmentos de parede, com engobe castanho claro, na superfície externa e engobe cinza, na superfície interna (EC/11.549, EC/11.554) (Fig.4).

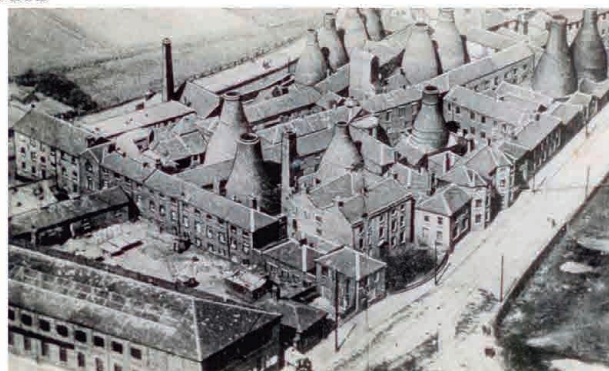
De origem francesa, é uma medalha miraculosa de formato oval, com pequena argola pendente, em liga metálica de bronze, alusiva às três visões da Imaculada Conceição, pela Catherine Labouré, noviça no convento das Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo, no nº 4 da rua do Bac, em Paris. (EC/11.3198). No anverso tem representada a imagem da «Imaculada Conceição» com o manto e as mãos raiadas de luz, sobre uma serpente, ladeado pela legenda: “O MARIE CONCUE SANS PECHE / PRIEZ POUR NOUS / QUI AVONS RECOURS A VOUS”, sobre 1830, data das visões. No reverso verifica-se ao centro um M de Maria, atravessado por barra onde assenta uma cruz, ladeada por 12 estrelas,

## IMPORTAÇÕES INGLESAS

### SHELL EDGE PEARL WARE



## DAVENPORT



Fábrica Davenport, final do séc. XIX in  
[http://www.thepotteries.org/potworks\\_wk/006.htm](http://www.thepotteries.org/potworks_wk/006.htm)

## IMPORTAÇÕES FRANCESAS

### FRASCO PERFUME DELETTREZ



Perfumaria Delettrez in Le Monde  
Illustré, 16 Mars 1861, p.176

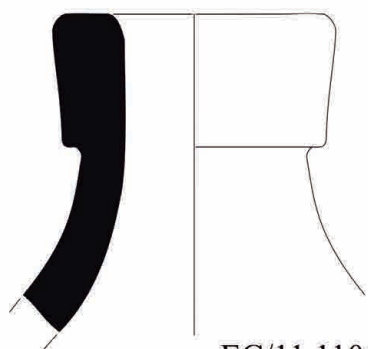


### MEDALHA ALUSIVA ÀS VISÕES DE CATHERINE LABOURÉ



## IMPORTAÇÕES DO CENTRO E NORTE DA EUROPA

### GARRAFAS EM GRÉS



EC/11.1101



EC/11.554



EC/11.549

representando os 12 apóstolos e sobre 2 corações, um com coroa de espinhos, representando o de Cristo e outro atravessado por punhal, simbolizando o de “Nossa Senhora”. Foram produzidos milhões de exemplares desta medalha, cuja data de produção principiou em 1830, aquando da segunda visão, por exigência da “Mãe de Deus”, segundo Catherine Labouré.

Também de França, chegou-nos um pequeno frasco de perfume em vidro moldado, da marca Delettrez, com corpo rectangular, com fundo de falso pé em anel, marcado por linha incisa concêntrica, ressaltado e canelura a marcar arranque colo cilíndrico, com bordo vertical, espessamento externo secção quadrangular e lábio plano (EC/14.01). Na face do corpo apresenta legenda em relevo com DELETTREZ, em arco no topo, sobre um D, atravessado por flor, sobre PARIS, no fundo é visível a referência em relevo B L 4067. Delettrez é uma oficina parisiense, estabelecida no ano de 1835, no nº 15 da Rue Royale. Detentora de uma vasta gama de perfumes e de produtos de cosmética, esta oficina decide demarcar as suas produções, a partir de 1853, passando a sua linha de produtos a ser designada por «Parfumerie du Monde Elegant». A título de curiosidade e de ligação a Portugal pode referir-se que esta perfumaria produziu a partir de 1857 um perfume designado como “Brisas de Cintra”.

## CONCLUSÕES

O Espaço Cidadão revela-nos um conjunto de espólio e de informação arqueológica expressivos da mundividência das pessoas que ocuparam este lugar ao longo dos séculos, resultado das suas aquisições, através de trocas comerciais, de possíveis viagens que realizaram ou de ofertas que receberam. Testemunhos materiais de um certo cosmopolitismo que caracterizou a vila de Palmela ao longo da Época Moderna, enquanto sede definitiva da Ordem de Santiago, entre os séculos XV e XIX, detentora de vastos territórios no Sul de Portugal, monopolista da produção de azeite e sal, riqueza que transpirava para a vila, onde viviam familiares e subordinados. Traduz igualmente as potencialidades geográficas e económicas deste território, convertendo-o num autêntico *hinterland*, situado entre o Tejo e o Sado, duas vias de comunicação primordiais, em que afluem pessoas, culturas e bens.

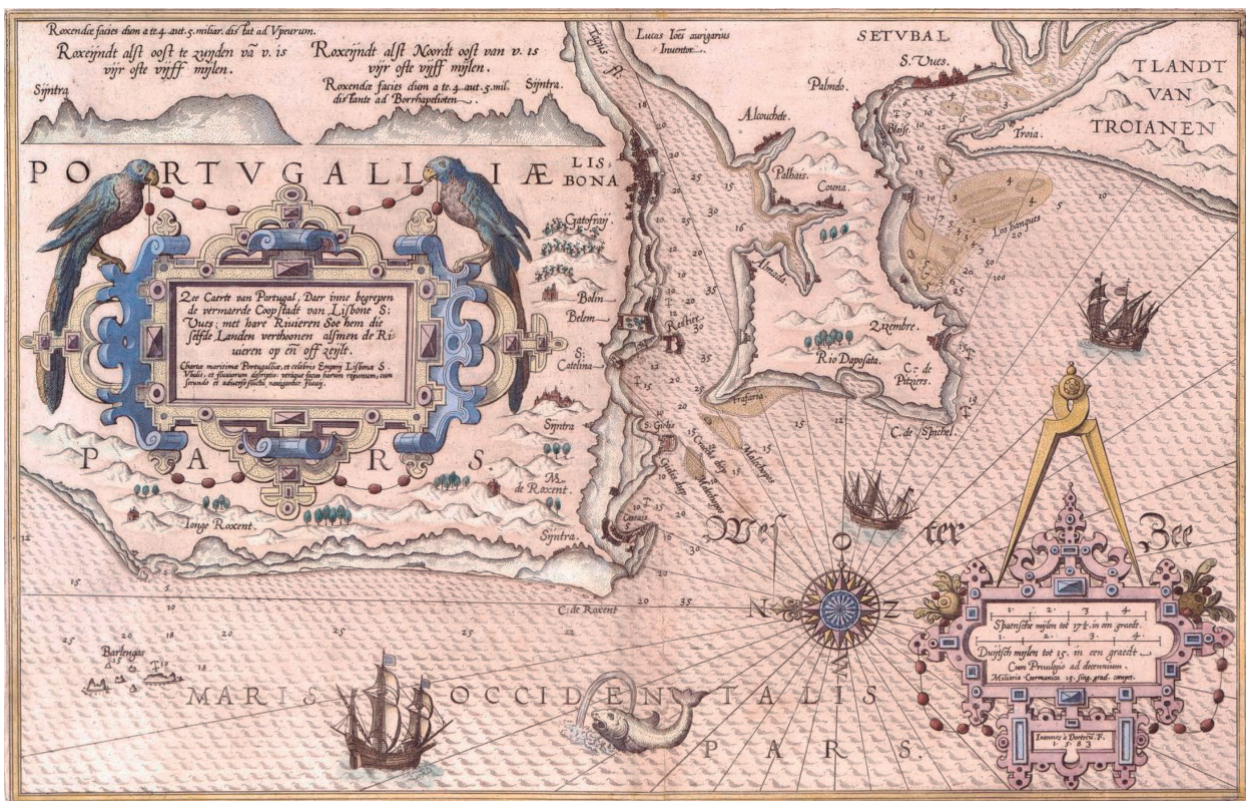


Fig. 5 – Carta Occidental de Portugal. Portos de Lisboa e Setúbal, Lucas Jans Waghenaer, 1583 in Quintas, 2003, p. 40-41.

Os resultados das intervenções realizadas no Espaço Cidadão indicam-nos que Palmela, apesar de fortemente ancorada no mundo rural, situa-se privilegiadamente entre dois portos comerciais, o de Setúbal e Lisboa (Duarte & Tavares da Silva, 2014; Quintas, 2003; Caetano, 2017) (Fig. 5), num período de grande florescimento do país e que a interrelacionavam directamente com os circuitos comerciais mais importantes do mundo de então, seguramente com o grande contributo da comunidade cristã-nova residente, hábil nas artes comerciais e com contactos culturais, políticos e sociais além-fronteiras.

Já nos alvares da Época Contemporânea, continuamos a ver pequenos apontamentos de uma elite, que ligava Palmela ao coração da Europa, emergindo acima de uma certa decadência económica generalizada, ligada ao trágico evento do terramoto de 1755, que afectou grandemente a vila, precedida pelo período de expulsão dos Cristãos-Novos, fortemente perseguidos pelo Santo Ofício e subsequente declínio dos Cristãos-Velhos e da Nobreza dominante, culminando na extinção em 1834, da Ordem de Santiago e das restantes Ordens Religiosas, que por seu turno já se encontrava num estado de progressiva decadência, reflectida na vivência quotidiana da vila de Palmela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bargão, A.; Ferreira, S.; Silva, R. B. (2015) – De Sevilha para Lisboa. Pratos com decoração em “corda-seca” de final dos séculos XV-XVI de dois contextos na Ribeira ocidental, *Adenda electrónica da revista al-Madán, S. II, 20 (tomo1)*, p. 21-27 [Consult.06.04.2018]. Disponível na Internet: [https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20\\_1](https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20_1)
- Beltrán de Heredia Bercero, J. e Miró i Alaix, N. (2010) – El comerç de ceràmica a Barcelona als segles XVI-XVII: Itàlia, França, Portugal. *Els talers del Rini i Xina, Quarhis* 15, p. 14-91.
- Bourdeline, E. (1861) – Revue Industrielle. In *Le Monde Illustré*, 16 Mars 1861, p. 176.
- Caetano, C. (2017) – *A Ribeira de Lisboa, plataforma portuária da cidade global*. In Gschwend, A. J. e Lowe, K., *A Cidade Global. Lisboa no Renascimento*. MNA e INCM, p. 158-159.
- Canotilho, M. H. (2003) – Processos de cozedura em cerâmica. *Série Estudos 60*. Instituto Politécnico de Bragança. Disponível na internet: <https://pt.scribd.com/doc/72967736/60-Processos-de-cozedura-em-ceramica>
- Carta, R. (2003) – *Cerámica italiana en la Alambra*. Granada: Grupo de Investigación “Toponimia Historia y Arqueología del Reino de Granada”
- Carvalho, A. R. (2005/2007) – Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: Novos contributos para o conhecimento do quotidiano em Palmela, no final da Idade Média. *Musa, Museus Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 74-82.
- Carvalho, A. R. (2005) – Intervenção Arqueológica no Mercado Velho: primeiros resultados. *Adenda electrónica da revista al-Madán, S. II, 13*, p.V1-V18 [Consult.06.04.2018]. Disponível na Internet: [https://issuu.com/almadan/docs/almadan\\_online\\_13](https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_13)
- Costa, J. (2016) – *Palmela: o espaço e as gentes (séculos XII-XVI)*. Tese de Doutoramento em História. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível na internet: [http://www.academia.edu/27111160/Palmela\\_o\\_espaco\\_e\\_as\\_gentes\\_sculos\\_XII-XVI](http://www.academia.edu/27111160/Palmela_o_espaco_e_as_gentes_sculos_XII-XVI)
- Duarte, S.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) – Intervenção Arqueológica na Rua Álvaro Castelões, n.os 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 341-372. Disponível na Internet: [http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2014/13\\_%20alvaro%20castelo.es.pdf](http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2014/13_%20alvaro%20castelo.es.pdf)
- Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2014) – Faianças portuguesas em contexto de lixeira da Setúbal Moderna. *Musa, Museus Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 215-218. Disponível na Internet: [http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2014/MUSA4\\_faiancas.pdf](http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2014/MUSA4_faiancas.pdf)
- Fernandes, I. C. F (2004) - *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F (2012) – Palmela Medieval e Moderna: a leitura arqueológica. In M. T. Santos, I. C. Fernandes (eds), *Palmela Arqueológica no contexto da região interstuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, p. 111-132.
- Fernandes, I. C. F; Carvalho, A. R. (1993) – *Arqueologia em Palmela 1988/92: Catálogo da exposição*. Palmela: Município de Palmela.
- Fernandes, I. C. F; Carvalho, A. R. (1997a) – Intervenção Arqueológica na Rua de Nenhures (Palmela). In C. T. Silva, J. Soares (eds), *Actas do I Encontro de Arqueologia*

- da Costa Sudoeste: Homenagem a Georges Zbyszewski, Novembro de 1991, Setúbal, Setúbal Arqueológica* Vol. 11-12. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 279-295.
- Fernandes, I. C. F.; Carvalho, A. R. (1997b) – Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval*, 5, p. 221-241.
- Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T. (2008) – *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes. Roteiro da exposição*. Palmela: Município de Palmela.
- Gschwend, A. J. (2017) – *Fazer compras na Rua Nova dos Mercadores*. In Gschwend, A. J. e Lowe, K., *A Cidade Global. Lisboa no Renascimento*. MNAA e INCM, p. 158-159.
- Martins, J. (2017) – A Inquisição e os cristãos-Novos de Palmela, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, 18, p. 2-4. Disponível na internet: [https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/boletim\\_museu\\_maio\\_2017](https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/boletim_museu_maio_2017)
- Nunes, J.; Porfírio, E.; Santos, M. (no prelo) – Quatro anos de intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Palmela). Os principais resultados e algumas questões. In *Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Tróia, Novembro de 2016*.
- Patriarca, R. (2002) – *Um estudo sobre a inquisição de Lisboa: O Santo ofício na vila de Setúbal – 1536-1650*. Tese de Doutoramento em História Moderna. Faculdade de Letras da Universidade Porto. Disponível na internet: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13210>
- Quintas, M. da C. (2003) – *Porto de Setúbal: Um actor de desenvolvimento. História de passado com futuro*. APSS. Disponível na Internet: [https://issuu.com/portofsetubal/docs/livro\\_a\\_historia\\_do\\_porto\\_de\\_setubal](https://issuu.com/portofsetubal/docs/livro_a_historia_do_porto_de_setubal)
- Ramos, A. C.; Porfírio, E. (2017) – Requalificação urbana do Centro Histórico de Palmela, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, Separata do nº 17, p. 1-8. Disponível na internet: <https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/suplemento>
- Rosendo, M.; Prata, C.; Fernandes, I.; Santos, M.; Sampaio, T.; Sousa, Z. (2010) – *Patrimónios. Centro Histórico da Vila de Palmela*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. Disponível na internet: [https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/roteiro\\_patrimonios](https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/roteiro_patrimonios)
- Santos, M. T. (2012) – Arqueologia Urbana em Palmela. Balanço das intervenções de 2009-2012, + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, 15, p. 12-17. Disponível na internet: <https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/maismuseu15>
- Santos, M. T.; Nunes, J. (2012/2013) – Resultados da intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Centro Histórico de Palmela), + *Museu, Boletim do Museu Municipal de Palmela*, 16, p. 2-7. Disponível na internet: <https://issuu.com/museumunicipaldepalmela/docs/maismuseu16final2>
- Soares, J. (2002) – MAEDS. Trabalhos arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal. *Al-madan*, 2ª Série, nº 11, p. 250-251. [http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2002/JS\\_MAEDS.pdf](http://maeds.amrs.pt/informacao/PUBLICACOES/2002/JS_MAEDS.pdf)
- Sousa, É. (2011) – *Ilhas de Arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII). Vol. I e II*. Tese de Doutoramento em História. Especialização em História Regional e Local. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10451/5377>
- Sosa Suarez, E. E. (2016) – *Cerámicas de importación del antiguo Convento de San Francisco de Asís de Las Palmas de Gran Canaria*. Tese de Doutoramento em Historiografía, Fuentes y Métodos da la Investigación Histórica. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10553/18470>
- Torres, J. B. (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Tese de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/7125>